

Entre o nirvana e a lascívia

SANDRO LOBO

sloblo@grupoatarde.com.br

Quase uma década depois de sua vigorosa estréia com o confessional e instigante *Cinema Orly*, em que a contaminação pelo vírus HIV e a urgência de uma curta expectativa de vida davam o pique da narrativa, o escritor Luís Capucho lança *Rato*, romance em que as referências de um cotidiano suburbano se misturam à forte temática homoerótica, elementos já presentes no seu primeiro trabalho – agora, com uma escrita mais amadurecida. O que sobra de lascívia no primeiro transforma-se numa espécie de estoicismo no segundo.

Sem deixar de expor o leitor às suas desconcertantes reflexões sobre conceitos de masculinidade e revelando sem pudor um mesquinho microuniverso de opressão, Capucho põe seu personagem principal no meio de uma casa de cômodos abandonada, em que o machismo entranhado nas camadas mais baixas da sociedade esbarra na fragilidade e “enrustimento” do narrador e na figura de sua etérea mãe, presente e tão distante.

Ao contrário da matéria de que é constituído, o texto flui levemente, como se o narrador estivesse falando a alguma pessoa muito íntima, como quando expõe sua relação com um dos moradores da tal casa de aluguel onde sua mãe é a administradora informal: “Quando o Gaúcho senta-se em nossa cama, os músculos de suas coxas estufados, pressionados contra o colchão, enchem-me de tensão enrustida. Fico quieto, sofrendo por não perceber nele nenhum sinal de tédio por mim. Nem um olhar ou frase indireta, nada”.

Nas descrições dos homens que convivem naquele imóvel decrepito, Capucho mistura poesia, erotismo e algum psicologismo. Assim, ficamos sabendo que, além de ter coxas excitantes, o marinho Gaúcho “é o tipo brutamontes, casca-grossa



ILUSTRAÇÃO GENTIL

salvo pela timidez, porque a timidez é um meio de lapidação espontânea que Deus criou na natureza das almas humanas”. E revela sua conclusão: “A timidez, para mim, é uma virtude”.

HIV – Depois de muitos anos convivendo com o vírus HIV e vendo que o risco de morte diminuiu à medida que foram avançando os métodos de tratamento da Aids, Luís Capucho acabou impregnando sua narrativa com certa tranquilidade, bem diferente do ritmo frenético de *Cinema Orly*, como observa em entrevista a A TARDE.

“*Cinema Orly* foi escrito após meu coma por neurotoxoplasmose, decorrente do HIV. Eu achei que fosse morrer muito brevemente. Quando escrevi o *Rato*, já tomava o coquetel há um

tempo, não pensava mais em morrer. Essa maneira diferente que encarei o tempo, num e noutro livro, foi fundamental para diferenciá-los”, compara.

No fim das contas, no entanto, Capucho acha que seu novo livro ficou muito mais político. “Quis fazer mesmo um livro gay. Acho que, embora não tenha a sacanagem explícita entre homens que tem no *Orly*, *Rato* é mais gay. Olhando o livro agora, depois de pronto, acho que ficou marcado o aspecto de clandestinidade a que os gays são submetidos e a que os gays se submetem na nossa sociedade”, analisa.

Isso está presente tanto nas reflexões do autor/narrador, quanto num dos episódios em que é levado pela polícia quando fazia sexo num matagal. “Nossa veadagem, escancarada para os

policiais através do nosso cheiro, é o pior que poderia nos acontecer. Se fôssemos presos apenas pela maconha, também um ridículo motivo de prisão, eles não estariam menos equivocados, mas nós ficaríamos livres de vê-los tão felizes, satisfeitos e sádicos. Um maconheiro inspira mais respeito e cuidado a um policial (...), porque oferece maior perigo que um veado. Mas um veado, o que é um veado?”, escreve Luís Capucho.

Leitores de muitos poderes devem evitar a leitura de *Rato* ou se jogar de vez nela para ver até onde aguentam. Na boa. Se é capaz de escrever coisas tão candidas quanto universais, Capucho também revela uma fixação em certas situações sexuais, como quando o personagem descreve suas transas e o prazer que sente.

Isso tem a intenção de chocar?

“Não quis chocar, não, apenas falar. O pessoal do funk fala muito mais e ninguém se choca. Não sei o que [leitores heterossexuais] vão achar”, rebate. À pergunta sobre se o que faz pode ser considerado literatura gay ou, como preferem muitos, homoerótica, Capucho diz que não concorda com essa vertente.

“Já vi, numa entrevista, um daqueles grandes escritores gays americanos dizer para Winston Leyland, editor da gay Sunshine, que ele gostaria de ver um Estado gay e que esse Estado sobressairia dos outros por isso, por isso e por isso. Eu não concordo, porque, juntas, as pessoas são todas iguais. Meus livros poderiam, sim, ter um narrador heterossexual. As pessoas são únicas, isso independe de sua orientação

sexual. Acho preconceituoso você pensar numa literatura gay”, responde o escritor.

HOMOERÓTICA – A despeito disso, no entanto, o leitor mais atento e interessado na temática poderá perceber que, mesmo que não haja influência direta, o autor e o universo social em que estão inseridos os personagens de *Rato* – gente de baixa instrução, cheia de preconceitos e mais preocupada com a própria sobrevivência – lembram em muito escritores que ficaram marcados como ícones disso que se chama literatura homoerótica ou literatura gay. Isso desde *Cinema Orly*, aliás, que remete ao texto *Nas matinês do Cinema Iris*, relatos de “pegação” assinado pelo nevelista Aguinaldo Silva.

A procura do personagem principal de *Rato* por seu lugar nesse mundo homofóbico (representado pelo ambiente sombrio da casa em que vive ao lado de homens estranhos e sóis), assim como o texto de alto teor erótico (ainda que claramente sem a intenção de excitar o leitor) também lembram *Orgia*, de 1968, livro esgotado do argentino Túlio Carella, considerado um clássico pela crítica especializada. A narrativa absolutamente introspectiva evoca ainda o trabalho de João Gilberto Noll, também com livros de teor homoerótico, como *O quieto animal da esquina* (1992, Rocco). Mas Capucho traz uma poesia muito particular – “meio Genet, meio Torquato, meio Cazuzza” – transformada em ótimas canções lançadas no CD *Lua singela* (Astronauta Discos). Vale a pena conhecer o cara.

Sandro Lobo é editor de Salvador e Bahia



Rato

Luís Capucho
Editora Rocco
128 págs. | R\$ 20
geocities.com/luisingela